

TEOLOGIA
BÍBLICA DA

A DO

Cultuando a
Deus como ele
orienta e deseja

R A

Ç Ã O

david peterson


VIDA NOVA

O pecado não destruiu nossa vontade de adorar a Deus, mas desvirtuou terrivelmente nossa adoração, redirecionando nosso coração para um alvo que não é o verdadeiro Deus. Esse não é, porém, nosso único problema. Graças à regeneração, a flecha pode ser redirecionada para seu legítimo alvo, ou seja, por causa da graça podemos adorar ao verdadeiro Deus. Entretanto, mesmo adorando ao verdadeiro Deus é possível adorá-lo do nosso jeito. E esse é o problema. Em seu admirável *Teologia bíblica da adoração*, David Peterson enfrenta esse problema com a tese de que “A adoração ao Deus vivo e verdadeiro é, em essência, um encontro intenso com ele nas condições que ele estabelece e da maneira que somente ele torna possível”. Portanto, é necessário adorá-lo como ele quer ser adorado. Não tenho como descrever como fui abençoado com os ensinamentos desse livro. Trata-se de uma das mais brilhantes teologias bíblicas da adoração produzidas em nossos dias.

JONAS MADUREIRA, pastor da Igreja Batista da Palavra e autor de *Inteligência humilhada* (Vida Nova)

O autor abre caminho no matagal das tradições que herdamos até chegar à clareira direta e objetiva do ensino bíblico [...] E, apesar do alto nível acadêmico por trás do texto, tudo é feito com clareza e simplicidade atraente, o que torna o livro facilmente acessível para um círculo amplo de leitores.

I. HOWARD MARSHALL, autor de *Teologia do Novo Testamento* (Vida Nova)

Sumário

<i>Prefácio</i> , I. Howard Marshall.....	7
<i>Reduções gráficas</i>	9
Introdução	11
1. O encontro intenso com Deus no Antigo Testamento	19
Adoração e revelação.....	20
Adoração e redenção	22
Adoração e culto	26
A adoração e o sistema de sacrifícios.....	32
A adoração e o Templo de Jerusalém	38
A adoração e o futuro do povo de Deus	41
Conclusão	44
2. Honra, serviço e respeito a Deus	47
Adoração como homenagem ou grata submissão.....	48
Adoração como serviço.....	56
Adoração como reverência ou respeito	64
Conclusão	66
3. Jesus e o novo templo	69
A perspectiva de Mateus	70
A perspectiva de João	82
Conclusão	91
4. Jesus e a nova aliança	93
A adoração de Jesus.....	94
Jesus e a Lei de Moisés	98
Os Evangelhos e a morte de Jesus.....	102
Conclusão	114
5. Templo e comunidade em Atos dos Apóstolos	117
Os primeiros discípulos e o Templo	118
A inclusão dos gentios.....	125
Homenagem e serviço na nova aliança.....	128
A natureza e a função das primeiras reuniões cristãs.....	133
Conclusão	140

6. Paulo e o serviço do evangelho	143
Adoração como modo de vida consagrado do convertido	144
A adoração aceitável e o sacrifício de Cristo	146
O ministério do evangelho como manifestação específica da adoração cristã.....	156
O sacrifício, a fé e o Espírito	160
Conclusão	164
7. O serviço a Deus na assembleia de seu povo	167
Encontro com Deus na reunião da igreja	168
A igreja como templo do Espírito Santo.....	173
A edificação e a reunião da igreja	179
A ceia do Senhor em Corinto	188
Conclusão: adoração na igreja e no mundo	192
8. O livro de Hebreus e a adoração de Jesus	195
A adoração definitiva de Jesus.....	196
Adoração como homenagem ao Filho de Deus	204
A participação dos fiéis na adoração de Jesus	205
A reunião congregacional em Hebreus.....	215
Mantendo a esperança que professamos.....	220
Conclusão	221
9. A adoração no Apocalipse de João	225
O poder sedutor da falsa religião.....	226
O chamado a adorar ao Deus verdadeiro	230
A adoração no reino celestial.....	234
O elo entre o céu e a terra	239
Conclusão	242
10. A adoração e o evangelho — um resumo	245
Epílogo	251
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	255
<i>Índice de fontes antigas</i>	275
<i>Índice remissivo</i>	277

Prefácio

Os cristãos são muito hábeis no uso vago da linguagem. O que exatamente significa “abençoar”? E qual é o propósito e natureza do tipo de reunião cristã que chamamos de “culto”? Neste livro, David Peterson investiga a segunda questão, oferecendo uma ajuda notável a seus leitores. Ele reconhece, corretamente, que chamar uma reunião cristã de “adoração” transmite a ideia parcial de um momento específico em que realizamos algo, mas precisamos entender, cada vez mais, que a adoração deve ser um “encontro intenso” com Deus, em que ele se dirige a nós, e nós a ele — no contexto de uma amizade ou vínculo mútuo entre os vários participantes.

Peterson analisa tudo isso de maneira bíblica, abrangente, prática e simples. Ou seja, o autor abre caminho no matagal das tradições que herdamos até a clareira direta e objetiva do ensino bíblico e permite que esse ensino nos desafie. Ele apresenta um panorama de todo o ensino das Escrituras, o que torna evidente as diversas nuances de suas partes distintas e fornece uma ajuda valiosa para o estudo mais acadêmico do tema: em cada página, o livro reflete um conhecimento profundo da literatura acadêmica. Entretanto, ele escreve com uma inclinação prática para ajudar os cristãos de hoje a recuperar a exuberância da adoração bíblica, a fim de que a igreja seja edificada e se torne mais fiel ao padrão planejado por Deus. E, apesar da erudição por trás do texto, tudo é feito de um modo belo, com simplicidade e clareza, o que torna o livro prontamente acessível a um espectro amplo de leitores.

Portanto, aqui está o guia para o ensino bíblico sobre adoração que aguardamos há tanto tempo. Não necessita de minha recomendação, pois suas virtudes são evidentes, mas me alegro por apresentar o autor a um público mais amplo. David Peterson é professor no Moore Theological College em Sidney, Austrália, e já escreveu uma grande obra, *Hebrews and perfection* [Hebreus e a perfeição] (Cambridge: Cambridge University Press, 1982). Este novo livro tornará ainda mais sólida sua reputação de grande estudioso com vívido interesse pela vida do povo de Deus.

I. HOWARD MARSHALL

Reduções gráficas

AB	Anchor Bible
AnBib	Analecta Biblica
AV	Authorized Version
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>
BNTC	Black's New Testament Commentary
<i>BTB</i>	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
BZAW	Beiheft zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CGNTC	Cambridge Greek New Testament Commentary
ESV	English Standard Version
<i>EvQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>ExpTim</i>	<i>Expository Times</i>
<i>FS</i>	<i>Festschrift</i>
GNC	Good News Commentary
HSM	Harvard Semitic Monographs
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
ICC	International Critical Commentary
<i>ISBE</i>	<i>International standard Bible encyclopedia</i> . Organização de G. W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1979-1988). 4 vols.
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JEH</i>	<i>Journal of Ecclesiastical History</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JSNTSup</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament Supplement</i>
<i>JSOT</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>
<i>JSOTSup</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament Supplement</i>
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
LXX	Septuaginta
NCB	New Century Bible
NEB	New English Bible
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NICNT	New International Commentary on the New Testament
<i>NIDNTT</i>	<i>New international dictionary of New Testament theology</i> . Organização de C. Brown (Paternoster: Exeter, 1975-1986). 4 vols.

NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NKJV	New King James Version
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
NovTSup	Supplements to Novum Testamentum
NRSV	Phillips New Testament in Modern English
<i>NTS</i>	New Revised Standard Version
<i>NRTb</i>	<i>New Testament Studies</i>
Phillips	<i>Nouvelle Revue Théologique</i>
<i>RB</i>	<i>Revue Biblique</i>
<i>RSPT</i>	<i>Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques</i>
RSV	Revised Standard Version
<i>RTR</i>	<i>Reformed Theological Review</i>
SBT	Studies in Biblical Theology
SJLA	Studies in Judaism in Late Antiquity
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
SNTU	Studien zum Neuen Testament und seiner Umwelt
TA	Tradução do autor
<i>TDNT</i>	<i>Theological dictionary of the New Testament</i> . Organização de G. Kittel; G. Friedrich. Tradução para o inglês de G. W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976). 10 vols.
<i>TDOT</i>	<i>Theological dictionary of the Old Testament</i> . Organização de G. J. Botterweck; H. Ringgren; Heinz-Josef Fabry. Tradução para o inglês de J. T. Willis; D. E. Green; Douglas W. Stott (Grand Rapids: Eerdmans, 1974-2018). 16 vols.
<i>THAT</i>	<i>Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament</i> . Organização de E. Jenni; C. Westermann (Munich: Kaiser, 1975-1976). 2 vols.
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
TOTC	Tyndale Old Testament Commentaries
TP	Tradução portuguesa
<i>TynBul</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
TWAT	<i>Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament</i> . Organização de G. J. Botterweck; H. Ringgren; Heinz-Josef Fabry (Stuttgart: Kohlhammer, 1970-2000). 10 vols.
WBC	Word Biblical Commentary
WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
<i>ZNW</i>	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>

Introdução

A adoração é a atividade suprema da igreja cristã, e a única indispensável. No céu, quando todas as outras atividades tiverem desaparecido, somente a adoração permanecerá, assim como o amor a Deus expressado por ela. Portanto, com mais rigor do que qualquer outra atividade menos essencial da igreja, a adoração deve ser avaliada e dirigida pela revelação em que a igreja está fundamentada.¹

Considerando a enorme quantidade de livros publicados sobre adoração em anos recentes, torna-se claro que esse é um assunto de grande interesse e importância para os cristãos contemporâneos. Mas, infelizmente, a adoração é um tema que continua a nos dividir, seja nas denominações, seja nas congregações específicas. Mesmo aqueles que desejam submeter sua teologia e prática à avaliação e à orientação da revelação bíblica podem se ver em sérios conflitos entre si. No que diz respeito a esse assunto, a maioria de nós está mais condicionada pelos costumes e pelas preferências pessoais do que gostaria de admitir!

Apesar das chamadas “incurções de adoração” bastante difundidas nos dias atuais, os frequentadores das igrejas muitas vezes expressam insatisfação e confessam que ainda não estão certos sobre o significado e o propósito do que é geralmente chamado de adoração. Muitos ficam na defensiva quanto às suas tradições porque não conseguem reconhecer a necessidade de mudanças significativas. Alguns vão de igreja em igreja, procurando um modelo específico de ministério que lhes agrade. Antes de tudo, o que parece estar em falta, tanto na vida comunitária quanto nos livros que pretendem nos orientar sobre os cultos na igreja, é uma tentativa séria de elaborar uma teologia da adoração amplamente baseada na Bíblia. Afinal de contas, o que a Bíblia quer dizer com “adoração” e como ela se relaciona com as outras grandes questões da vida cristã?

¹W. Nicholls, *Jacob's ladder: the meaning of worship*, Ecumenical Studies in Worship 4 (London: Lutterworth, 1958), p. 9.

O que a adoração realmente é?

No discurso comum, a adoração cristã é normalmente identificada com certas atividades religiosas públicas, como ir à igreja ou, de maneira mais específica, cantar hinos, fazer orações, ouvir sermões ou participar da ceia do Senhor. Entretanto, poucos negariam que as devoções particulares são um aspecto importante da adoração. As Escrituras indicam, de várias maneiras, que um relacionamento autêntico com Deus se baseia em uma vida de oração e adoração pessoais. Aliás, um dos temas em debate no cenário contemporâneo é o anseio por mais expressão individual e satisfação pessoal nos cultos comunitários. As pessoas querem ser encorajadas e desafiadas ou confortadas e consoladas no âmbito individual. Querem que o culto seja uma fonte de encorajamento para elas em seu discipulado diário. Embora isso, em alguma medida, talvez reflita a preocupação da nossa era com o desenvolvimento e a realização individuais, também não deixa de ser um lembrete de que a adoração genuína terá tanto a dimensão particular quanto a pública.

Então, a adoração é basicamente uma experiência ou um sentimento? Deveria ser identificada com uma percepção especial da presença de Deus, com algum tipo de êxtase religioso ou, ainda, com expressões de profunda humilhação diante de Deus? Será que há momentos especiais em uma reunião cristã em que estamos verdadeiramente “adorando” a Deus? Será que os cultos devem ser avaliados pelo grau em que permitem a seus frequentadores ter esse tipo de experiência? Essa abordagem subjetiva muitas vezes está refletida nos comentários que as pessoas fazem sobre as reuniões cristãs, mas tem pouca relação com o ensino bíblico sobre o assunto. Além disso, ela cria problemas significativos para o relacionamento entre cristãos, porque nem todos partilharão das mesmas experiências e alguns, inevitavelmente, acharão que sua adoração é inferior. A adoração tem de envolver certas atitudes identificáveis, mas algo está muito errado quando as pessoas equiparam a autogratificação espiritual com a adoração!²

Palavras, palavras, palavras

Um ponto de partida tradicional para as análises sobre adoração cristã tem sido a observação de que a palavra inglesa *worship* [“adoração”] significa, por derivação, *to attribute worth* [“atribuir valor”], sugerindo que adorar a Deus é atribuir a ele

²G. Kendrick, *Learning to worship as a way of life* (Minneapolis: Bethany House, 1985), p. 32 (edição anterior: *Worship* [Eastbourne: Kingsway, 1984]), condena de forma correta uma expressão particular disso: “como se a mais elevada realização de toda nossa peregrinação na terra fosse entrar em algum tipo de êxtase induzido pelo louvor!”.

valor supremo. Essa definição realça a ideia de que temos de dar a Deus a glória e o louvor devidos a ele (e.g., Sl 96.7,8; Ap 5.12), mas será que isso nos oferece uma base adequada para expormos a totalidade do ensino bíblico sobre o assunto? Caso seja definida dessa maneira, a adoração não precisa ter relação alguma com a particularidade da revelação bíblica, o que deixa aberta a possibilidade de que a avaliação da importância de Deus e da reação adequada fique a cargo dos homens.³

O fato de algumas formas de adoração no Antigo Testamento serem consideradas inaceitáveis por Deus (e.g., Gn 4.3-7; Êx 32; Is 1) é um lembrete de que aquilo que nos parece impressionante ou apropriado pode ser ofensivo para Deus. Quando os autores do Novo Testamento falam sobre adoração aceitável, também indicam haver atitudes e atividades que definitivamente não agradam a Deus (e.g., Rm 12.1,2; 14.17,18; Hb 12.28,29; 13.16).

Há um amplo vocabulário na Bíblia que pode contribuir para nosso entendimento de todo o tema ou doutrina da adoração. Um dos objetivos deste livro é descobrir o que se pode aprender com a observação de como algumas palavras centrais da adoração são utilizadas tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Se quisermos apresentar uma definição de adoração, ela não poderá estar simplesmente baseada na derivação ou aplicação comum da palavra inglesa *worship* [“adoração”].

A adoração é uma orientação de vida

O tema da adoração é muito mais central e significativo na Bíblia do que muitos cristãos imaginam. Está intimamente associado a todas as ênfases principais da teologia bíblica, como Criação, pecado, aliança, redenção, povo de Deus e esperança futura. Longe de ser um assunto sem importância, está relacionado à questão fundamental de como podemos ter um relacionamento correto com Deus e agradá-lo em tudo o que fizermos. De algum modo, a maioria dos livros de Gênesis a Apocalipse concentra-se nesse tema.

Embora haja uma preocupação com o que pode ser designado especificamente atividade “religiosa” em vários contextos do Antigo Testamento, as leis cerimoniais foram estabelecidas dentro de uma estrutura mais abrangente, ou seja, as instruções sobre como viver sob o governo de Deus. Aliás, a teologia da adoração expressa as dimensões de uma orientação de vida ou de todo um relacionamento com o Deus vivo e verdadeiro. Isso se torna ainda mais claro quando examinamos o tema da adoração no Novo Testamento. Os cristãos contemporâneos tornam confusas a

³Veja a crítica útil dessa abordagem comum ao assunto feita por P. W. Hoon, *The integrity of worship* (Nashville: Abingdon, 1971), p. 91-4.

amplitude e a profundidade do ensino bíblico sobre esse assunto quando insistem em usar a palavra “adoração” de maneira comum e limitada, aplicando-a principalmente ao que ocorre nos cultos de domingo.

O cristianismo surgiu em uma época em que autores judeus e pagãos estavam interpretando de um modo novo as antigas ideias sobre adoração. De que maneira essas reinterpretações são diferentes da perspectiva dos autores do Novo Testamento? E por que eles adaptaram a terminologia comum da adoração da maneira com que fizeram? Como imaginaram que deveríamos nos aproximar de Deus para honrá-lo e adorá-lo?

Essas perguntas não podem ser respondidas apenas com uma investigação do que os cristãos antigos faziam ao reunir-se ou com uma reflexão sobre o que eles diziam sobre a importância desses encontros. Os primeiros discípulos foram atraídos para o que se pode chamar de relacionamento de adoração com Jesus Cristo com base em suas palavras e ações, que culminaram em sua morte e ressurreição e no subsequente derramamento do Espírito Santo. Seguindo o próprio exemplo de Jesus, eles começaram a utilizar parte da linguagem da adoração para indicar a importância da pessoa e obra de Cristo e para examinar as dimensões do relacionamento com Deus que agora desfrutavam nele. O ensino de Jesus sobre as funções do templo judaico, que foram cumpridas nele mesmo, deu início a uma linha de desenvolvimento do tema. Seu ensino sobre sua morte como o sacrifício que inaugurava uma nova aliança foi outra fonte de inspiração para a teologia cristã antiga.

A adoração no Novo Testamento é uma categoria abrangente que designa toda a existência do cristão. Ela acompanha a resposta de fé sempre e onde essa resposta for manifesta. Por isso, “nosso entendimento tradicional de adoração como restrita à reunião comunitária no culto, em lugar e horário determinados, para a cerimônia e a proclamação não serve mais. Não é isso que o Novo Testamento fala sobre adoração”.⁴

Ação divina e humana

Não há dúvida de que as Escrituras têm muito a dizer sobre o papel que desempenhamos na adoração e no serviço a Deus. Por isso, adoração é muitas vezes definida, de maneira muito ampla, como nossa resposta positiva a Deus.⁵ Entretanto,

⁴P. W. Hoon, *Worship*, p. 17 (cf. tb. p. 31-2). Contudo, o próprio estudo de Hoon se desenvolve com base no entendimento tradicional, porque ele admite que precisamos de uma mentalidade radicalmente nova para lidar efetivamente com esses critérios bíblicos em relação ao pensamento litúrgico.

⁵Assim, J. E. Burkhart, *Worship: a searching examination of the liturgical experience* (Philadelphia: Westminster, 1982), p. 17, define adoração como “a resposta em celebração ao que Deus fez, está

devemos considerar um contexto teológico importante quando apresentamos a adoração dessa perspectiva. Ou seja, temos de perguntar que papel Deus tem no encontro intenso ou relacionamento que é a adoração verdadeira e aceitável. Isso significa que precisamos descobrir com base em sua autorrevelação nas Escrituras o que lhe agrada. Não podemos simplesmente determinar por nós mesmos o que é honrar a Deus.

De modo mais fundamental, a Bíblia nos diz que Deus tem de nos trazer para um relacionamento consigo antes que sejamos capazes de responder a ele de maneira aceitável.⁶ As normas de adoração do Antigo Testamento são apresentadas como uma expressão do relacionamento de aliança estabelecido por Deus entre ele e Israel. Da mesma forma, no Novo Testamento, a teologia da adoração está intimamente ligada ao estabelecimento e desdobramento da nova aliança. A adoração aceitável nas duas alianças, como nossa resposta à iniciativa de Deus na salvação e na revelação, é prestada da maneira específica exigida por ele.

Sobretudo, precisamos levar a sério a notável perspectiva bíblica de que a adoração aceitável é algo que *Deus tornou possível para nós*. Nesse sentido, é da maior importância o ensino do Antigo Testamento de que Deus se aproximou de Israel para que seu povo pudesse se aproximar dele. O Novo Testamento aponta para o cumprimento dessas ideias na pessoa e obra de Jesus Cristo. Novamente, o Antigo Testamento ensina que o sistema de sacrifícios, revelado por Deus como meio de lidar com o problema do pecado e de manter o relacionamento de aliança com seu povo, só era efetivo por causa de sua promessa e de sua bondosa permissão. Esse ensino encontra importante expressão quando o Novo Testamento põe em foco a morte de Cristo como meio pelo qual somos admitidos em um relacionamento eterno com Deus.

Encontrando-se intensamente com Deus

De certa maneira, todo esse estudo é uma tentativa de definir a natureza da adoração cristã, já que não podemos oferecer nenhuma definição abrangente antes de repondermos a algumas questões importantes. Como podemos conhecer Deus e nos aproximar dele? O que Deus precisa fazer para permitir que seu povo o encontre?

fazendo e promete fazer”. R. P. Martin, *The worship of God: some theological, pastoral and practical reflections* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 4, também define adoração de maneira bastante restrita como “a celebração dramática de Deus em seu supremo valor de tal maneira que sua ‘dignidade’ se torna a norma e a motivação da vida humana”.

⁶Sobre esse assunto, veja a análise útil feita por C. E. B. Cranfield, “Divine and human action: the biblical concept of worship”, *Interpretation* 12 (1958): 387-98. Entretanto, acho arbitrário seu argumento de uma presença especial de Cristo no batismo ou na ceia do Senhor.

Que diferença fez a vinda de Jesus para as perspectivas bíblicas sobre esse assunto? Qual é o relacionamento entre as atividades da reunião cristã e o que podemos chamar de adoração na vida diária? Entretanto, à medida que começo a responder a essas perguntas, examino a hipótese de que a adoração ao Deus vivo e verdadeiro é, em essência, *um encontro intenso com ele nas condições que ele estabelece e da maneira que somente ele torna possível*.⁷

Como este livro aborda o assunto?

Antes de fazer uma análise da teologia do Novo Testamento, precisamos entender como as pessoas do mundo antigo acreditavam que Deus, ou os deuses, deveriam ser honrados. Este livro começa com uma ênfase em algumas das crenças e práticas da religião do Antigo Testamento como pano de fundo para explicar as perspectivas do Novo Testamento. O capítulo 2 examina o uso de algumas palavras centrais para a adoração no Antigo Testamento e em textos não bíblicos. Aqui lidamos, mais uma vez, com a questão da definição, à medida que descobrimos as diversas dimensões de como Israel se relacionava com Deus. Ao observar a maneira que vários autores do Novo Testamento usam a linguagem da adoração e ao analisar minuciosamente o contexto relevante em cada caso, os capítulos seguintes buscam estabelecer uma teologia da adoração em cada autor específico. Os estudos de vocábulo levam a uma investigação histórica e teológica mais abrangente do tema nos livros centrais do Novo Testamento.

O método aqui utilizado é o da teologia bíblica, que busca estudar Deus e sua revelação na Palavra com ênfase especial no contexto histórico de cada parte da Bíblia. “A teologia sistemática elabora um *sistema*; a teologia dogmática expõe e defende *dogmas*; as teologias filosófica e especulativa *filosofam* e refletem de modo racional; entretanto, a teologia bíblica busca fazer a exegese e mostrar o que cada autor inspirado da Bíblia está apresentando *in situ*.”⁸ Essa disciplina visa a trazer o conteúdo da Bíblia a um grau mais elevado de sistematização do que descobrimos de imediato na própria Bíblia, mas permanecendo “o mais próximo possível do

⁷Em outras palavras, a adoração na Bíblia pode ser vista como uma “troca recíproca” entre Deus e seu povo, manifesta em palavra e ação, de acordo com C. Westerman, *Elements of Old Testament theology* (Atlanta: John Knox, 1982), p. 187. Entretanto, parece que o homem ocidental admitiu muito prontamente que a adoração no Antigo Testamento é, em essência, uma expressão institucional ou cultural do relacionamento com Deus.

⁸F. I. Andersen, “Biblical theology”, in: G. G. Cohen, org., *The encyclopedia of Christianity* (Marshalltown: National Foundation for Christian Education, 1968), vol. 2, p. 63-70 (esp. p. 63). Cf. C. H. H. Scobie, “The challenge of biblical theology”, *TynBul* 42 (1991): 31-61, 163-194.

método que o próprio Deus usou ao nos transmitir sua revelação”.⁹ Ao mesmo tempo que interpreta passagens importantes em seu contexto imediato, esse método busca expor a natureza progressiva e em desenvolvimento da revelação de Deus nas páginas da Escritura. Essa perspectiva pode ser perdida ou obscurecida por alguma tentativa de organizar e integrar as evidências bíblicas sobre bases puramente lógicas ou temáticas.

Considerando a urgência das questões práticas levantadas nesta introdução, alguns leitores podem se sentir frustrados com a perspectiva de uma análise detalhada do ensino bíblico porque estão buscando apenas conselhos sobre como melhorar o culto do próximo domingo! No entanto, creio que temos muitos livros sobre o passo a passo de como preparar um culto de domingo e pouca reflexão sobre a adoração como uma ideia bíblica em sua totalidade. A adoração é um assunto que deveria dominar nossa vida sete dias por semana. Os cultos cristãos não terão vitalidade e sentido restaurados até que seus líderes e participantes recuperem uma perspectiva bíblica sobre suas reuniões, vendo-as à luz de todo o plano e o propósito de Deus para seu povo. Este livro, porém, apresenta conclusões práticas importantes à medida que o argumento se desenvolve, e minha esperança é que ele contribua de maneira significativa para a renovação da vida e do testemunho cristãos, tanto nos momentos em que a igreja se reúne quanto naqueles em que sai para servir a Deus em sua vida diária.

Quero expressar minha gratidão ao dr. Bruce Winter, diretor da Tyndale House, Cambridge, e a seu subcomitê acadêmico, por conceder a bolsa que me permitiu escrever grande parte deste livro no ambiente estimulante e encorajador daquela instituição. Tenho grande gratidão também pelo dr. Peter Jensen, reitor do Moore Theological College, Sydney, Austrália, e ao conselho da universidade por me concederem a licença e o auxílio financeiro para desenvolver minha pesquisa no exterior. Também devo expressar meu apreço ao professor Howard Marshall, que gentilmente leu e criticou grande parte do meu material, além de escrever o prefácio. Os doutores Peter O’Brien, John Kleinig e John Woodhouse também interagiram com várias seções do livro, usando de uma percepção aguçada e contribuindo com comentários úteis. Esta obra é dedicada, com muito afeto, aos meus filhos Mark, Chris e Daniel.

⁹F. I. Andersen, “Biblical theology”, p. 65-6. Anteriormente, Andersen havia afirmado: “Quando quaisquer elementos extrabíblicos fornecem uma base oculta para a teologia, quando fornecem critérios pelos quais avaliamos o material bíblico, quando apresentam a estrutura em que organizamos a informação bíblica, o resultado pode ter a aparência de bíblico, mas não é bíblico em sua substância interna” (p. 63).

O encontro intenso com Deus no Antigo Testamento

Ele revelou sua palavra a Jacó,
os seus decretos e ordenanças a Israel.
Ele não fez isso a nenhuma outra nação;
elas não conhecem as suas ordenanças.
Louvem ao SENHOR! (Sl 147.19,20)

Para muitos cristãos, o Antigo Testamento continua sendo um livro misterioso e aparentemente irrelevante. E nada parece mais distante das necessidades e aspirações das pessoas em culturas secularizadas do que o foco no templo, no sistema de sacrifícios e no sacerdócio. Mas essas instituições estavam no centro do pensamento antigo sobre adoração, e devemos perceber sua importância para entender de maneira correta o ensino do Novo Testamento. A maioria dos livros cristãos sobre adoração se restringe ao que as pessoas diziam e faziam na época do Novo Testamento. Seu erro é não enfatizar as crenças fundamentais sobre o encontro intenso com Deus comuns às duas partes do cânon bíblico.

Uma teologia da adoração precisa considerar temas fundamentais como revelação, redenção, a aliança de Deus com Israel e o chamado para que seu povo viva como uma nação distinta e separada. O ensino bíblico fica claro quando se estabelece a ligação entre esses temas e a adoração, e essa relação é identificada até o Novo Testamento. Isso se torna ainda mais evidente quando as perspectivas bíblicas são comparadas com as práticas e o pensamento pagão do mundo antigo.

Entretanto, o que o Novo Testamento diz sobre adoração às vezes também contrasta fortemente com as perspectivas do Antigo Testamento. Apesar da continuidade entre os Testamentos, o evangelho exige uma transformação de muitas categorias e padrões tradicionais de adoração. A história revela que os cristãos às

vezes aplicam, de maneira errada, palavras e conceitos do Antigo Testamento à igreja e aos diferentes aspectos da adoração cristã. Um dos objetivos deste livro, portanto, é expor a descontinuidade entre os Testamentos quanto a esse assunto.

Adoração e revelação

Lugares sagrados no mundo antigo

A maior preocupação das pessoas no mundo antigo era descobrir onde encontrariam a presença de um deus, bem como saber os nomes dos deuses para que pudessem se aproximar e estabelecer comunhão com eles. Certas localidades chegaram a ser identificadas como lugares de habitação dos deuses, onde foram erigidos altares e estabelecidos padrões de adoração. Parte da tradição do templo ou santuário seria a história de como o lugar foi identificado como a habitação do deus. Se houvesse vários santuários dedicados ao mesmo deus, reconhecia-se que eram apenas cópias do verdadeiro lugar de habitação desse deus, como o monte Olimpo na mitologia grega, que permanecia afastado do mundo humano.¹

Mesmo nas culturas que não davam importância alguma aos templos suntuosos, era extremamente importante saber o lugar em que a presença de um deus poderia ser encontrada. O povo de Canaã, entre o qual os israelitas vieram a habitar, tinha a própria religião em florescimento, incluindo muitos santuários simples dedicados aos deuses Baal, El e Anat. Conforme os textos de Ras Shamra, que revelam muito sobre a mitologia cananeia do século 15 a.C. e do período anterior, cada um desses deuses tinha um lugar de habitação em um monte sagrado específico, em algum lugar inacessível em que a terra e o céu se encontravam.² Desses montes originavam-se seu governo sobre a terra e sua influência sobre a vida.

O Deus de Israel que faz alianças

Em oposição a esse cenário, o Antigo Testamento afirma que o único Criador e Senhor do universo havia se tornado conhecido aos antepassados de Israel em

¹Um exemplo típico de lenda de santuário no período do Novo Testamento é mencionado em Atos 19.35. O grande templo da deusa Ártemis em Éfeso, na Ásia Menor, que, em sua forma posterior, foi considerado uma das sete maravilhas do mundo, abrigava a imagem da deusa. A lenda de que essa imagem, ou talvez um meteorito que se assemelhasse a ela, havia “caído dos céus” serviu, ao que tudo indica, de base para o estabelecimento do templo e de seu culto em Éfeso, e a cidade passou a ser considerada “guardiã do templo”.

²Cf. R. J. Clifford, *The cosmic mountain in Canaan and the Old Testament*, HSM 4 (Cambridge: Harvard University, 1972), p. 34-97.

A ADORAÇÃO É A ATIVIDADE SUPREMA DA IGREJA CRISTÃ, E A ÚNICA INDISPENSÁVEL

A adoração é uma grande preocupação da igreja e, ironicamente, fonte de controvérsias e discussão. Será que conseguiríamos deixar de lado a questão da forma que deveríamos seguir ao adorar para entender o sólido fundamento para o povo de Deus: honrá-lo como ele deseja? A insatisfação com a adoração expressa por muitos não seria o resultado de nosso afastamento do ensinamento bíblico sobre o assunto?

Com uma exegese cuidadosa do Antigo Testamento e do Novo, David Peterson oferece a orientação para a adoração que é encontrada nas Sagradas Escrituras. Em vez de determinarmos por nós mesmos como deveríamos adorar, somos chamados como povo de Deus ao relacionamento com ele, nas condições que ele estabelece e da maneira que somente ele torna possível.

Este livro nos chama a repensarmos radicalmente o significado e a prática da adoração, especialmente os responsáveis pela liderança na igreja. Aqui está o ponto de partida para recuperarmos a profundidade da adoração bíblica.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes
 @edicoesvidanova
 @edicoesvidanova
 /edicoesvidanova

